

## JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

## Conselho Editorial

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente*  
WILSON FIGUEIREDO — *Vice-Presidente*SÉRGIO RÊGO MONTEIRO — *Diretor*MARCELO PONTES — *Editor*PAULO TOTTI — *Editor Executivo*  
ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*EDGAR LISBOA — *Diretor Executivo Agência JB*

## Jogo Feito

O governo deu nova mostra da vantagem de antecipar-se às expectativas dos agentes econômicos. O repique da inflação para 2% ao mês e as projeções de aumento do déficit público em relação ao PIB reforçaram, à primeira vista, os que apostam contra a política econômica. Ao mexer na banda cambial e na poupança, porém, o governo mostrou que tem trunfos para quebrar expectativas. O jogo está feito.

A mudança na banda cambial, na prática, não significou absolutamente nada. Através de leilões nos diversos segmentos do mercado de câmbio, o Banco Central sinalizou que a nova banda não implicava, necessariamente, desvalorização do real. As cotações ficaram estáveis, mais ou menos como em março do ano passado, quando o Banco Central inaugurou o sistema de bandas.

A grande diferença foi que, agora, o Banco Central anunciou uma nova faixa para suas intervenções de compra e venda justamente na melhor hora, ou seja, quando não há indicações macroeconômicas recomendando urgência na mudança do câmbio.

Em março de 95, o país passava maus momentos pelo impacto da crise cambial do México, em fins de dezembro. A balança comercial acumulava déficit de US\$ 2,3 bilhões, devido ao aumento das importações, sobretudo automóveis e bens de consumo duráveis, e o ingresso de divisas era negativo, em função da retração dos mercados internacionais.

Os analistas financeiros consideram que o Banco Central agiu com sabedoria ao esvaziar previamente a possibilidade de especulação. É que seria ontem o vencimento dos contratos futuros do dólar comercial na BM&F e a próxima rolagem seria a 1º de março (depois do carnaval).

Ao mexer na banda e deixar o câmbio como estava, o Banco Central acabou emitindo aviso de que a política cambial não muda, apesar das expectativas menos favoráveis em relação às contas públicas e às pressões inflacionárias da virada do ano.

Do lado das contas cambiais, apesar das preocupações do diretor da área externa do Banco Central com o balanço de pagamentos em conta corrente (devido ao elevado déficit das contas de turismo e serviços), as indicações sobre as exportações são bastante favoráveis, sobretudo com a isenção do PIS e Cofins. As importações de automóveis estão sob controle de cotas, e as compras pelos Correios foram desestimuladas.

As exportações de janeiro deverão se situar em US\$ 3,5 bilhões, bem acima dos US\$ 2,9 bilhões de janeiro de 95. As operações de adiantamento sobre contratos de câmbio apontam saldo das exportações superior a US\$ 800 milhões sobre as importações. A entrada de capitais também foi altamente positiva no primeiro mês de 96. Entre ingressos no dólar comercial e saídas pelo câmbio flutuante, calcula-se saldo superior a US\$ 2 bilhões, com ganho líquido total de US\$ 3 bilhões.

Não havia propriamente um problema cambial que levasse o governo a alargar a banda cambial para furar expectativas. Foi mais um sinal de que a equipe econômica está atenta aos problemas da administração da economia — que são sérios pelo lado das contas públicas, mas poderão começar a ser resolvidos com a aprovação das reformas no Congresso — e à necessidade de acertos entre o câmbio e os juros. Acertos terão que ser feitos enquanto o ajuste fiscal e a reforma patrimonial do Estado (leia-se privatização) não produzirem o equilíbrio das contas públicas em todos os níveis de governo — federal, estadual e municipal.